I OCUPAÇÃO DO GRUPO GEMA
A concepção de uma montagem como obra

Maristela Ribeiro
Artista Visual
Universidade Estadual de Feira de Santana

Resumo

Este texto relata algumas questões conceituais, procedimentos operatórios e instâncias metodológicas implementados pelo Grupo Gema – Grupo de Pesquisa em Arte Contemporânea, durante uma pesquisa realizada no decorrer do ano de 2008, que culminou com uma apresentação no Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana. Denominada "Casa de Recuperação", essa apresentação foi também a primeira ocupação do Grupo em espaço institucional, cuja montagem, concebida como uma obra, buscou traçar um paralelo entre esse acontecimento e a formação de uma cidade. O presente trabalho contém também, em seu *corpus*, informações coletadas através de observações e depoimentos realizados durante a pesquisa de campo que o fundamentou.

Coletivo de artistas, grupo de pesquisa, arte contemporânea, intervenção urbana, cidade.

Abstract

This paper reports some conceptual issues, operative procedures and methodological instances implemented by Gema Group – Group for Research in Contemporary Art, in the course of a survey conducted during the year 2008, which culminated with a presentation at the Feira de Santana Museum of Contemporary Art. Called "House of Recovery", this presentation was also the first occupation of the Group in an institution, and such mounting, conceived as a work of art, sought to draw a parallel between this event and the formation of a city. This work also contains, in its corpus, information collected through observations and declarations made during the field research that set it up.

Collective of artists, the research group, contemporary art, urban intervention, city.

Mapas da I Ocupação do Grupo Gema

Apresentação

O Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana abrigou, de 13 de novembro a 9 de dezembro de 2008, a **I Ocupação do Grupo Gema,** cuja montagem foi realizada de forma gradativa durante os 27 dias da ocupação. Concluída a montagem na manhã do último dia, ao longo da tarde ocorreu o movimento de retirada com a desmontagem e o encerramento. Essa ocupação, resultado de uma pesquisa desenvolvida durante o ano de 2008, traça um paralelo entre a ocupação de um espaço museal e a ocupação de uma cidade, com proposições artísticas instauradas por meio de exposições-relâmpago, volantes, *performances*, colóquios, projeções, *workshops*, entre outros, em que foram abordadas questões articuladas com os eixos temáticos **Diversidade, Identidade e Memória,** no circuito de uma **Cidade,** objeto de estudo do Grupo.

O Grupo Gema, do qual sou coordenadora, é um coletivo formado por artistas, estudantes e pesquisadores, que se propõe a operar procedimentos e intervenções, de modo investigativo e experimental, através de processos artísticos contemporâneos, tendo como referência a produção artística atual em seus diferentes meios de expressão. O Gema, portanto, é um núcleo de pesquisa fundamentado em três domínios interligados no âmbito da questão do evento artístico: **investigação, experimentação e produção** propriamente dita, com consequente difusão.

Acolhidos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), os Encontros do Grupo Gema, em março de 2008, passaram a fazer parte das Atividades Especiais oferecidas pelas Oficinas de Criação Artística (OCA) do Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca), onde, até a presente data, ocorrem as reuniões semanais.

A Pesquisa

A primeira fase da pesquisa, desenvolvida entre os meses de março e junho, caracterizou-se pela realização de atividades de estudo, viagens culturais e visitas a instituições afins, além de encontros temáticos não-lineares, abertos à participação da comunidade – a exemplo de palestras,

mesas-redondas e *workshops* –, promovidos pela coordenação do grupo com o apoio da Uefs, computando-se, semanalmente, a presença de grande público. Essa etapa foi marcada, principalmente, pela interlocução dos membros do Grupo Gema com artistas visuais brasileiros e estrangeiros, professores, curadores, teóricos, críticos, *marchands* e produtores, tendo sido apresentados, sobretudo, práticas e discursos produzidos em diferentes campos do conhecimento no âmbito das artes visuais.

A segunda e a terceira fase, realizadas a partir do 2° semestre de 2008, interpenetraram-se. Formou-se um banco de imagens visuais sobre a cidade e o seu entorno, resultante de uma coleta de dados realizada pelo método da deriva [i], em atrelamento com reflexões sobre os eixos temáticos apontados, cuja proposta previa, além da experimentação das proposições criadas coletivamente, sua posterior aplicação nas vias públicas.

O Grupo Gema propôs outras formas de relação indivíduo/cotidiano/cidade e, consequentemente, outras formas de intervenção artística no espaço urbano.

Dentre as estratégias organizadas para o encaminhamento da pesquisa, situava-se como fio condutor o seguinte tripé:

Eixo 1 – A transformação da cidade

- Diagnóstico / Derivas – levantamento e análise do entorno; passeios pela cidade;
- Estratégias de redesenho do território urbano;
- Proposições e experimentações: intervenções artísticas em espaços públicos – novos agenciamentos.

Eixo 2 – Hidridismos, o espaço/lugar e o tempo/memória

- Tradição e contemporaneidade;
- Recurso bibliográfico;
- A análise da produção de artistas nacionais e internacionais no âmbito da pesquisa.

Eixo 3 - A problematização da noção de espaço público e/ou institucional

- Estética do espaço;
- A inserção da arte no espaço público;
- Estratégias de circulação adotadas;

- A estetização das cidades contemporâneas – "espetacularização urbana"[ii];
- Plataforma de discussão e atuação crítica.

As Derivas

Durante as derivas, foram elaboradas algumas anotações que revelam as impressões causadas pelo percurso:

> Carro céu. Carrocéu. Fui fisgada pelo carrossel. Aquele coreto da Praça da Matriz me lembra um carrossel, com a sua delicada sombrinha bordada de filamentos e rendas azuis da cor do céu. Fui transportada para um outro tempo... e as buzinas dos carros nos arredores e a conversas dos transeuntes evocavam uma música de roda, de giro, de fantasia. E deram partida aos oito cavalos que galopavam distraídos por caminhos imaginários e longínquos. A catedral impecável, vistosa, reformada, vestida de branco e gelo, agasalhada por árvores frondosas, puxou-me as rédeas e dispersou a minha atenção para uma praça cuja ordem ela, imponente e altiva, determina: mundos separados... dentro e fora... proteção e desamparo... novo e velho... incluídos e excluídos... e as grades que a circundam – verde-musgo – apartam e apontam lanças para o mesmo céu do carrossel. A Praça da Matriz é minha passagem para o trabalho, vejo-a todos os dias, mas nunca tinha experimentado outros olhos. (M.R.)[iii]

No processo de reconhecimento do espaço, ficou evidenciada a relação com a própria localidade, que, cotidianamente, apresentava pouca ou nenhuma visibilidade. Dessa forma, a realidade ia sendo desvelada, dando passagem para o surgimento de alguns traços da identidade local, permitindo o aparecimento de observações mais detalhadas:

> Chamei minhas impressões de PRIMEIRO AS DAMAS, pois havia algo que sempre atraiu a minha atenção: aqueles senhores jogando dama. Inclusive os tabuleiros são desenhados nos próprios bancos da praça. Noto como o tempo possui uma outra ordem para esses jogadores. O desenho no banco da praça é o cenário para o jogo; eles não precisam trazer nada de casa, está lá, o tabuleiro pintado em vários bancos de concreto onde as duplas podem encarar o desafio de viver um tempo diferente daquele que se passa fora dali: o tempo do jogo, da brincadeira, acontecendo na área do lado de fora da igreja, cercada e protegida desse hábito profano. Cada

> tabuleiro pintado sofreu um desgaste natural do tempo e da própria manipulação pelos jogadores. As luminárias antigas parecem assistir a tudo imóveis, garantindo luminosidade para os que vão continuar o jogo ou aos que preferem a rua à noite. E, dia após dia, aqueles tabuleiros continuam lá, colorindo o cinza do concreto, convidando as pessoas para viverem um outro tempo… (V.V.)[iv]

Das derivas surgiram, também, observações críticas e a recusa dos planos urbanísticos e dos métodos de intervenção impostos pela classe dominante durante o processo de modernização da cidade. As derivas para o Grupo Gema se processaram, sobretudo, como oportunidade de estudo urbanístico e de práxis política:

> Uma cidade que permite a disputa do metro quadrado pela especulação imobiliária, como se o espaço urbano fosse apenas uma mercadoria e não o lugar de convivência e de liberdade, pode apontar o fim da concepção de "cidade" que determinou sua origem. (S.P.)[v]

Trabalhos artísticos elaborados tendo como suporte um espaço/lugar têm sido objeto de diferentes poéticas desenvolvidas por artistas contemporâneos no mundo inteiro. A análise dessa produção no âmbito da pesquisa foi associada a proposições didáticas e a intervenções artísticas em espaços institucionais públicos e privados. Para compreender essas poéticas em seu registro contemporâneo, é preciso considerar a pluralidade e o inter-relacionamento das linguagens artísticas. Os trabalhos desenvolvidos pelo Gema buscaram refletir sobre a cidade não como suporte, mas como possibilidade de ampliação do campo artístico, a partir da sua cartografia simbólica. Em suas anotações, um dos membros do Grupo afirma:

> As intervenções na cidade criam novas oportunidades de sentido e novos ambientes de aprendizagem a partir dos quais as pessoas se comunicam, partilham informações, constroem conhecimento, estabelecem novas relações com o tempo e o espaço e exigem outras formas de ver e conceber o mundo. (S.P.)[vi]

As ações do Grupo Gema nas ruas do centro da cidade, pensadas como alternativa para provocar uma dilatação do conceito de ambiente expositivo e o

alargamento da interação do público com a arte, visaram, sobretudo, a estimular a reflexão baseada nos modos de funcionamento dos habitantes, em conexão com o seu patrimônio material, imaterial e identitário, levantando a discussão sobre o conceito de "cidade", tanto aquela que permite a participação da população nas suas formulações, quanto aquela outra que propicia a privatização dos espaços públicos, ignora seus indivíduos, a diversidade de suas histórias e as experiências de vida coletiva. Outro participante registra:

> É de fazer água nos olhos sair, procurar, entrevistar antigos moradores e não encontrar mais nada, a não ser o suposto local de origem da cidade de Feira de Santana, maquiado e propagado no discurso oficial como a sede da Fazenda Olhos D'Água, lugar onde tudo começou... (G.L)[vii]

Transversalmente, a I Ocupação do Grupo Gema preconizou a participação ativa do público por um período de 27 dias, tendo, diariamente, como um organismo vivo, as alterações e acontecimentos próprios da demanda da montagem, previstos na extensa programação.

A I Ocupação do Grupo Gema

Com postagem em 19 de novembro de 2008, o ator, poeta e dramaturgo Araylton Públio tece alguns comentários no seu *blog* sobre a I Ocupação do Grupo Gema, sob o título NÃO CALE: GEMA!

> Fui na abertura, quinta 13, e pretendo usufruir ainda mais da programação, que se estende até 09 de dezembro, com diálogos interativos, chá e café da tarde, monitorias e colóquios. É a primeira ocupação do grupo GEMA, intitulada Casa de Recuperação, que invadiu o Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira. A Ocupação I, que vai até 24/11, é sugestivamente chamada de "Restauração dos Currais: ex-combros, espelho da cidade, naifação…" [...] Através das Artes Visuais, o GEMA, com sua pesquisa de campo, levanta uma reflexão – bem a propósito –, que toma a cidade como seu objeto de estudo, crítica e criação.

Sobre "É DE FICAR..."

O Museu foi aberto ao público no primeiro dia da Ocupação, absolutamente vazio e bem iluminado, com apenas um, dos 13 espaços, cheio dos escombros retirados de uma residência localizada na vizinhança, junto com uma série de fotografias. Os visitantes foram recebidos com fundo sonoro sugestivamente amplificado do momento de demolição da casa. Araylton comenta:

> Muito reflexiva também é a sequência de fotos que registra a demolição progressiva de uma residência localizada a poucos metros do próprio Museu, acontecida há poucas semanas. E, ao fundo, progressivamente, assiste-se à imponência de um arranha-céu que parece engolir os últimos escombros da casa.

É de ficar ... – GRUPO GEMA – 12 fotografias com 30 cm x 42 cm cada – (detalhe) 2008

Os restos da casa destruída passaram a integrar, provisoriamente, o acervo do Museu.

Sobre "MEMÓRIA"

Utilizando-se da mesma estratégia dos *outdoors* ou sanduíches humanos, que vendem produtos diversos nos semáforos da cidade, o Grupo

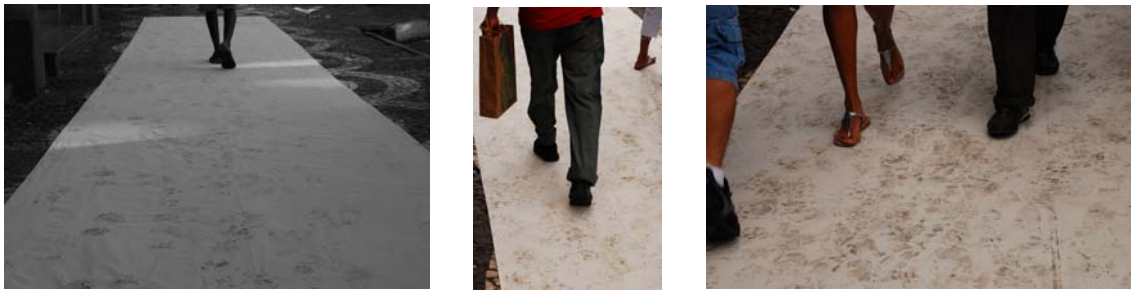
Gema também chamou a atenção do público para a importância da preservação do patrimônio histórico e da sua memória, ao apresentar impressões fotográficas (130 cm x 90 cm cada) de construções antigas e históricas da cidade, que se encontravam parcialmente destruídas ou em estado de abandono.

Memória – GRUPO GEMA – 390 cm x 90 cm – 2008

Estas imagens, transportadas pelos membros do Grupo em locais de grande trânsito, foram dispostas em sequência, sugerindo o apagamento da imagem, que vai sendo clareada até o desaparecimento completo.

Sobre o "SUDÁRIO DOS PASSOS"

Só na terceira semana da Ocupação foi apresentado ao público o *Sudário dos Passos*. Trabalho constituído por um tecido de algodão cru com trama específica (alusão ao Santo Sudário), com 12 m x 1,70 m, que ficou estendido na calçada em frente à Igreja Senhor dos Passos, com o objetivo de registrar as pisadas dos transeuntes, deixando uma imagem de passos fugidios, sob o beneplácito do "Senhor dos Passos".

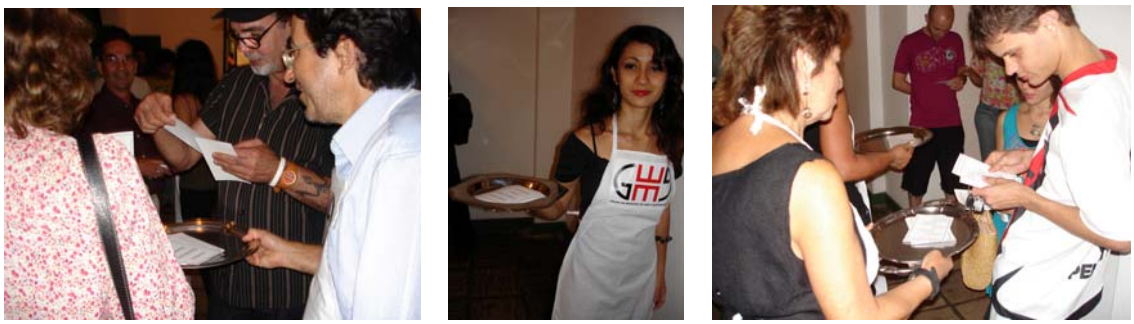


Sudário dos Passos – GRUPO GEMA – 12 m x 1,70 m – 2008

Essa intervenção buscou enfocar a transitoriedade humana revelada no ritmo da população desta cidade de grande entroncamento (confluência de culturas) e passagem de migrantes para o norte/centro/sul do país, evidenciando, na grafia dos passos e gestos humanos, a sedimentação de uma marca. O *Sudário dos Passos*, opera no território da dúvida, lança questões a respeito dos caminhos e descaminhos percorridos, e sobre a passagem, a imagem e as impregnações que fazemos e deixamos na senda do mundo.

Sobre o "COQUETEL POÉTICO"

Trajando um avental personalizado, os membros do Grupo Gema, na abertura da Ocupação, serviram aos presentes, além de quitutes e bebidas da cozinha regional, vários impressos, em alguns dos quais se lia: "Quem é o senhor dos nossos passos?"



Coquetel Poético – GRUPO GEMA – 2008

Araylton informa no seu *blog* [viii]:

> [...] Essa pergunta resume bem toda a poética do movimento que toma a cidade como dramaturgia. [...] A cidade, essa construção coletiva que insiste em se negar, tem seus espaços de convivência pública constantemente ameaçados. Toda

> cidade pequena sonha em ser metrópole, quando deveria era propor e praticar um modelo adequado a sua história. O que estava escrito nos outros impressos servidos em bandejas? A transcrição de MISTÉRIO, poema de Eurico Alves (1929); um trecho do cordel A FEIRA-LIVRE DA PRINCESA DO SERTÃO, de Antonio Alves da Silva; e outro com a seguinte pergunta: "O que é bom para a cidade é bom para você?"

E, mais adiante, o poeta finaliza:

> Quantas variedades de arquitetura já perdemos e ainda iremos perder, em nome da pós-modernidade dos pré-moldados? Que iguala tudo em um nada de personalidade histórica. Cópia das revistas internacionais, muitas vezes. Enormes paredes de vidro, arcos de concreto, blocos translúcidos... fachadas comerciais etc. [...] Iniciativas como a do grupo GEMA buscam expor o perigo, e alertar os cidadãos de nossa Feira de Santana, e do mundo, que o seu dia-a-dia pode ser modificado, movido por uma dose extra de criatividade. É ou não é?

Sobre o "CINE LUZ DOS OLHOS D'ÁGUA"

Naifação – GRUPO GEMA – 2008

O Cine Luz dos Olhos D'Água foi implantado no Museu durante a Ocupação como um espaço destinado às projeções em audiovisual com a finalidade de apresentar pequenos vídeos produzidos pelo grupo e curtas-metragens pertinentes.

Sobre as MONITORIAS e os WORKSHOPS

Retalhos de Cordel – GRUPO GEMA – 2008

Considerando a arte como um instrumento de intervenção cultural, por observar o seu amplo poder transformador, o Grupo Gema, através do contato direto com a comunidade, buscou contribuir com atuações pedagógicas e educativas para o desenvolvimento de ações transdisciplinares entre arte e realidade, gerando acréscimos significativos, tanto no campo da produção artística como também na utilização de recursos didáticos e metodológicos dirigidos aos alunos da rede pública de ensino.

Sobre "LIVRE FEIRA LIVRE"

Livre Feira Livre – GRUPO GEMA – 2008

Estrada Boiadeira

"Feira de Santana é uma cidade *sui generis*." Assim, foi dado início à conferência de abertura do eixo temático que trata do tema Diversidade – cruzamento de culturas, ideias e mestiçagens, proferida pelo palestrante convidado, que seguiu afirmando:

> Em um espaço geográfico onde duas noções espaciais, aparentemente antagônicas – a que tem origem no mar e a que vem do sertão – parecem colidir-se, situa-se Feira de Santana. Nascida a partir do momento em que um punhado de tropeiros começou a se juntar em um referencial acolhedor de homens, cavalos e bois cansados de longas jornadas, as duas dimensões iniciais de mar e sertão se ampliaram para a elaboração de uma nova relação, aparentemente dicotômica, entre profano e sagrado. [...] Uma feira é, por excelência, um ambiente profano, sobretudo em um contexto religioso católico, tendo em vista que a atividade comercial é algo estritamente ligado à materialidade, portanto, desvinculada de qualquer relação com o sagrado. Não obstante, a feira foi batizada com o nome de Sant'Ana. [...] que significa "Senhora da Luz" e é elevada à categoria de avó de Jesus Cristo. (G.F.L.) [ix]

Espaço dedicado às questões que contextualizam a cidade de Feira de Sant'Ana, a obra *Livre Feira Livre* abre espaço de discussão acerca das construções de urbanidade criadas ao longo da sua formação.

Considerações Finais

Em março de 2008, como coordenadora das Oficinas de Criação Artística (OCA) do Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca), da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), senti a necessidade de criação de um espaço de diálogo entre artistas, que fosse capaz de estimular a produção artística ao atingir principalmente aqueles que já atuam como profissionais. Assim nasceu o Grupo Gema, idealizado para tornar presente o debate sobre a arte e a cultura contemporânea, ampliando o intercâmbio de informações e experiências, incentivando a discussão em torno das questões próprias da contemporaneidade na esfera das artes visuais.

A I Ocupação do Grupo, ao final do seu primeiro ano de sua existência, buscou instaurar uma plataforma de ação, abrindo espaço de interferência no debate em torno do conceito de cidade, ao realizar uma programação fortemente marcada por reflexões críticas e ações complementares, dilatadas para articular a difusão de ideias e atividades, como um laboratório de ação coletiva.

As cidades são construções plurais impregnadas por situações que mesclam adaptações, conflitos, subjetividades, memórias, exílios, nomadismos, mestiçagens, diversidades, nas quais são estabelecidos os pactos com as situações históricas, políticas e sociais. Mais que um cenário, mais que um lugar, a cidade é o corpo coletivo potencializado pela humanidade que representa.

O Grupo Gema tem buscado expandir o seu raio de ação e ressonância, tentando criar campos alternativos de participação nos espaços públicos, de forma a contribuir, culturalmente, para a concretização de uma intervenção consciente e consistente com o que há de representativo na cultura e na região em que está inserido.

Outro componente do Gema esclarece:

> O Grupo Gema evidencia através de suas práticas artísticas a conexão entre local e global. Suas intervenções vão muito além do conceito de fronteira, antes disso prefere ampliar a discussão da circulação simbólica vivenciada no território das cidades. Feira de Santana, principal espaço de questionamento e experimentação do grupo, possui singularidades que a tornam paradoxalmente eclética, todas as evidências e sutilezas do patrimônio material e imaterial, o fluxo de pessoas, as modificações visíveis e invisíveis desse espaço possuem

> conexões com centenas de outros locais do planeta. Longe de propor soluções ou expor problemas presentes no contexto real e simbólico da cidade, o Grupo Gema procura, através do simples, difícil e sutil manejo do jogo estético, oferecer significados sensíveis para todos aqueles que se deparam com as suas intervenções. Lança uma espécie de convite e provocação para que as pessoas possam descansar ativamente o olhar e pensar sobre o seu espaço a partir de uma outra posição, uma posição localizada numa matriz humanizada que as transfiguram de objetos para sujeitos. (V.V.)[x]

A exemplo de Marco Polo, famoso viajante veneziano que narra suas impressões das mais diversas cidades que havia visitado para o imperador Kublai Khan em Cidades Invisíveis[xi], o Grupo Gema, fascinado pelas extraordinárias aventuras vividas nas várias cidades existentes no mesmo espaço urbano, abre o lacre de um império sem fim: as construções inesgotáveis e os trajetos arquitetados pelo labiríntico processo criativo.

GRUPO DE PESQUISA EM ARTE CONTEMPORÂNEA

Notas

[i] A Teoria da Deriva é da autoria do pensador situacionista Guy Deboard. Em linhas gerais e a grosso modo, a deriva, técnica de andar sem rumo, é uma forma de estudo do espaço urbano.

[ii] Processo acrítico de estetização, denominado também "cidade-espetáculo", que tem como consequência a significativa redução da participação cidadã e o empobrecimento da experiência urbana.

[iii] Anotações de uma das derivas de Maristela Ribeiro – artista visual membro do Grupo Gema.

[iv] Anotações de uma das derivas de Victor Venas – artista visual membro do Grupo Gema.

[v] Anotações de uma das derivas de Silvio Portugal – artista visual membro do Grupo Gema

[vi] Anotações de uma das derivas de Silvio Portugal – artista visual membro do Grupo Gema.

[vii] Anotações de uma das derivas de George Lima – artista visual membro do Grupo Gema.

[viii] Blog de Araylton Públio - C:\Users\Administrador\Documents\A PROJETOS -2008\GEMA MAC\nao-cale-gema - ARARA -BLOG.htm

[ix]Palestra "Feira de Santana e suas múltiplas construções de urbanidade" proferida pelo Prof. Dr. Geraldo Ferreira de Lima no Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira, na I Ocupação do Grupo Gema.

[x] Anotações de uma das derivas de Victor Venas – artista visual membro do Grupo Gema.

[xi] Cidades Invisíveis - hipertexto de Ítalo Calvino.

Referências

CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HONNEF, Klaus. **Arte Contemporânea**. Tradução Casa das Línguas. Koln, Alemanha: Tashen, 1994.

HEARTNEY, Eleanor. **Pós-modernismo.** Tradução Ana Luiza D. Borges. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 81-95, nov. 1996.

SALLES, Cecília. **Gesto inacabado:** processo de criação artística. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998.

Maristela Ribeiro*

Fundou em março de 2008 o Grupo Gema, por ela coordenado desde então. É Mestra em Poéticas Visuais pela EBA/Ufba, Salvador, Bahia. Reside atualmente em Feira de Santana, onde desenvolve ações como artista–pesquisadora e coordenadora das Oficinas de Criação Artística (OCA) do Centro Universitário de Cultura e Arte, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Seu trabalho artístico aborda o diálogo poético com experimentações oriundas das linguagens visuais contemporâneas, práticas híbridas e mistas, através de mecanismos advindos da técnica fotográfica.

E-mail: maristelaribeiro3@hotmail.com